

DESEMPENHO DE JOVENS COM SÍNDROME DE DOWN NA PROVINHA BRASIL

ROSA, Thaiany D'Avila¹; RANGEL, Gilsenira de Alcino².

¹ Universidade Federal de Pelotas, Curso de Pedagogia; ² Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Ensino. gilsenira_rangel@ufpel.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A Provinha Brasil, implementada pelo INEP¹, é um instrumento diagnóstico sobre o nível de alfabetização dos alunos no começo da aprendizagem, visando à *correção de possíveis insuficiências apresentadas nas áreas de leitura e escrita* (p. 7). A prova é composta por 20 questões objetivas, dentre elas, a interpretação de textos curtos e longos. Através dela, o aluno demonstra a capacidade ou não de diferenciar letras de outros sinais gráficos, capacidade de identificar o número de sílabas que formam uma palavra, de representar unidades sonoras graficamente, identificar palavras que iniciem com a mesma sílaba, compreender a relação entre significante e significado e, ainda, a habilidade de ler palavras que possuem sílabas de estruturas consoante/vogal/vogal e consoante/vogal.

O objetivo deste trabalho é apresentar resultados da investigação sobre o desempenho de jovens com Síndrome de Down (SD) no teste Provinha Brasil, que estabelece 5 níveis de desempenho – de 1 a 5, demonstrando a cada nível estar mais próximo do rendimento esperado para alunos no início do 2º ano. Os jovens que realizaram o teste, aplicado individualmente, encontravam-se nos níveis 3 e 4.

Segundo Rangel (2010), a Síndrome de Down interfere no desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, mas não os impede de aprender. A “Trissomia do 21” – alteração cromossômica localizada no par 21 que, ao invés de apresentar 2 cromossomos, apresenta três – é uma condição genética que origina, entre outras características, um desenvolvimento cognitivo diferenciado. Mas, também em pessoas com a Síndrome de Down o cérebro amadurece continuamente. Para Schwartzman, “*O fato de a criança não ter desenvolvido uma habilidade ou demonstrar conduta imatura em determinada idade, comparativamente a outras com idêntica condição genética, não significa impedimento para adquiri-la mais tarde, pois é possível que madure lentamente*” (1999, p. 246).

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

As informantes da pesquisa foram 4 pessoas com Síndrome de Down, do sexo feminino, na faixa etária entre 24 e 33 anos, participantes do projeto de Extensão Novos Caminhos da FAE - UFPel.

A testagem foi realizada em sessões individuais em que os aplicadores, no início, fizeram as orientações para a realização do teste. Cada aluna pôde realizá-lo em tempo indeterminado. Os testes foram gravados em áudio. Durante sua

¹ INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

realização, fazíamos anotações de como as alunas construíam as suas compreensões, associações e a quais recursos recorriam para chegar à resposta. Foram necessárias readaptações durante o teste para algumas informantes, como releitura (mais de duas vezes) ou reestruturação de pergunta mantendo sua essência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A informante 1, com idade de 26 anos, obteve 16 acertos e se encontra no nível 4. Em vários momentos voltou ao ponto de partida relendo a questão, reavaliando as quatro alternativas de resposta e retornando ao texto, especialmente em se tratando de questões de texto longo e de interpretação.

Diferentemente, a informante 2, com idade de 33 anos, obteve 15 acertos, encontrando-se no nível 3. Parece ser mais segura no que faz. Não teve muitas dificuldades na realização das questões. Sua maior dificuldade foi na compreensão de texto mais complexo que estivesse fora do seu cotidiano.

Já a informante 3, com idade de 24 anos, obteve 14 acertos e está no nível 3. Possui muitas dificuldades no tocante à relação letra/som das palavras, o que se justifica pela própria dificuldade que apresenta na sua fala, como a troca das consoantes surdas pelas sonoras em que /p/, /t/, /k/, /f/, /s/ são substituídas por /b/, /d/, /v/, /z/ o que se reflete na escrita do mesmo modo.

E por fim a informante 4, com idade de 24 anos, obteve 16 acertos, encontrando-se no nível 4. Realizou o teste com bastante tranquilidade. Assim como as outras informantes, a aluna também demonstrou dificuldade no que se refere à interpretação de textos longos.

É interesse ressaltar que, embora apenas uma informante tenha acertado uma das questões relativas ao reconhecimento de informações explícitas no texto remetente de um bilhete (figura 1), todas fazem uso deste tipo de texto em seu cotidiano, como podemos observar na produção de uma das alunas (figura 2).

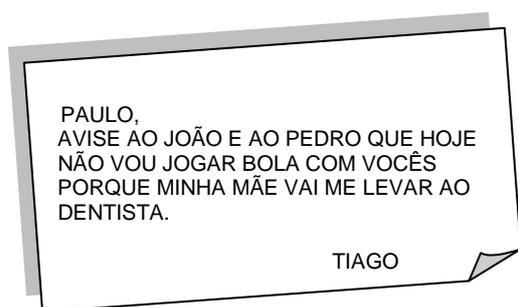


Figura 1: Questão 14, Provinha Brasil

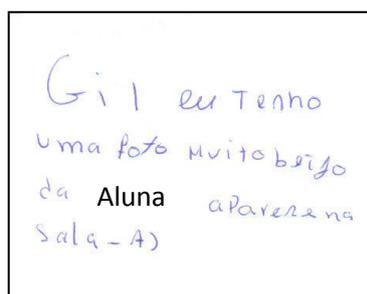


Figura 2: Bilhete de aluna

Na figura 1 temos o texto referente à seguinte questão: “De acordo com o texto, quem vai ao dentista?”, cujas opções de respostas eram: a) João, b) Paulo, c) Pedro e d) Tiago. Segundo o guia de aplicação da provinha, essa questão *avalia a habilidade de localizar informações explícitas no texto. O aluno precisa conhecer a estrutura de escrita de um bilhete.* Ora, o que estamos avaliando quando o aluno erra a questão, mas em seu uso diário, se utiliza desta estrutura, conforme a figura 2?

Não há como negar o conhecimento da função deste tipo de texto. Notamos que a questão em si torna-se complexa ao propor no próprio texto várias palavras que poderiam levar o aluno ao erro, uma vez que todas as possibilidades de respostas fazem referência a pessoas. Talvez, se tivéssemos uma pergunta relacionada diretamente à estrutura do texto como, Quem mandou o bilhete?, as respostas seriam diferentes, visto que em suas escritas, as alunas demonstram domínio dessa informação.

Para Soares (2004), o alfabetismo possui duas dimensões, a social e a individual, em que a individual refere-se às habilidades de leitura e escrita, já a social é considerada um fenômeno cultural, através de um conjunto de atividades sociais ligadas ao uso da leitura e da escrita. Assim, as informantes com SD, utilizaram do mesmo recurso para realização do teste, usando do social para o seu pessoal, tentando juntar as suas habilidades cotidianas para o meio social.

Percebemos também que as informantes possuem dificuldade em fazer leituras silenciosamente, todas leem em voz baixa, muitas vezes esquecem o que leram inicialmente e, por vários momentos, voltam ao ponto de partida da leitura. Essas informações foram possíveis pelo fato de o teste ter sido aplicado individualmente.

4 CONCLUSÕES

Diante dos resultados, podemos constatar que as jovens com SD, estão nos níveis 3 e 4 de aproveitamento, no que se refere ao esperado no início do 2º ano. Assim, tivemos duas informantes localizadas no nível 3 - *que corresponde à capacidade de ler palavras de diferentes tamanhos e padrões silábicos, conseguem ler frases com sintaxe simples e utilizam algumas estratégias que permitem ler textos de curta extensão*. As outras duas, no nível 4 - *que corresponde à capacidade de leitura e interpretação de textos simples, bem como a localização de informações e a finalidade da leitura (INEP, 2011, p.20-21)*.

O desempenho de jovens com síndrome de Down em testes padronizados e realizados em larga escala, como de qualquer outro indivíduo, pode ficar comprometido quando analisado apenas quantitativamente. Nesse aspecto, notamos que, ao individualizarmos a aplicação do teste, ganhamos em qualidade ao poder conferir e registrar o modo como as alunas estavam organizando o pensamento para responder, o que é impossível quando aplicado coletivamente. Agreguemos a isso o fato de que o teste, em muitas questões, prevê o uso de determinada habilidade, mas acaba sendo necessário o uso de múltiplas habilidades para chegar à resposta correta, como no exemplo supracitado.

Esses resultados nos permitiram ainda a constatação de que embora o teste preveja que se uma criança alcança o nível 3, por exemplo, é porque ela já teria adquirido habilidades de níveis anteriores, nossos resultados mostram a importância de se avaliar não somente quanto à quantidade de erros, mas em que tipo de habilidades houve o erro. Uma das informantes, que alcançou o nível 3 de desempenho, mostrou não possuir habilidades consideradas iniciais, como a detecção dos sons e letras iniciais das palavras, porém teve êxito em questões cuja habilidade era localização de informações explícitas e interpretação, que estão previstas para o nível 4.

5 REFERÊNCIAS

- INEP/MEC (2011). **Provinha Brasil: Guia de correção e interpretação de resultados**. Brasília: INEP/MEC.
- INEP/MEC (2011). **Provinha Brasil — Teste 1, primeiro semestre 2011**. Brasília: INEP/MEC (2011).
- RANGEL, Gilsenira. Produção de textos narrativos por pessoas com síndrome de Down. In: **ANAIS DO IV CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**. São Carlos: Nov, 2010. P. 2014-2027.
- SCHWARTZMAN, J. S.(org.). **Síndrome de Down**. São Paulo: Memnon/Mackenzie, 2003.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2004.